



Quer compartilhar uma história vivida na CAIXA? Envie para aeaminas@aeaminas.com.br

Antonio Carlos Estevam
da Academia Ubaense de Letras

Agradeço ao ínclito colega aposentado da CAIXA, o tocantinense mineiro Clélio Rodrigues de Oliveira — à época dos fatos caixa-executivo como eu, precisamente no PV-AG.Ubá/JF-MG — por ser quem me trouxe à memória o fato relatado pela presente crônica. Era um tempo anterior ao da fila única e não havia distribuição de senha. Um caixa era destacado para pessoas com atendimento prioritário.

Por conta do porte físico ‘diminuto’, eu e Clélio éramos — como ainda somos — por muitos confundidos um com o outro. E integrávamos o grupo dos que se revezavam no dito Atendimento Especial.

Filhos de pais “que têm com quê”, como se dizia, Rafael e sua irmã constituíam um casal de ceguinhos de boa apresentação que, muito conhecidos na sociedade, comumente eram vistos na fila dos “Especiais”.

Tipo como o homem de meia idade Ivan Rocha valia-se do fato de ser grisalho precoce para se fazer passar por idoso na fila.

O senhor Dimas era um daqueles casos de quem, como fazia “serviço de banco” para o comércio do filho e também para o da filha, acostumou-se a juntar os malotinhos ao de uma terceira loja, visando melhormente aproveitar para ser atendido como idoso, escapando-se de fila normal.

Fatos como o dos citados senhores acabavam percebidos até por clientes como os ditos ceguinhos, no caso dotados também de alguma esperteza e que, como tal, mantinham-se alertas para não estar sempre sendo colocados em desvantagem.

Não raramente essas pessoas “se acotovelavam” no final de expediente, justamente o horário de mais aglomeração e, por isso mesmo,

de maior número de queixas de morosidade.

Para reduzir tais reclamações nas filas comuns, acontecia de depósitos de clientes VIP — aqueles que não entravam em fila alguma, mas iam via Gerência — ser passados (por trás) no apelidado caixa dos velhos.

Em fins de mês, o recolhimento de tributos pelas empresas e pessoas físicas recrudescia as filas. E no começo de novo mês civil, além dos idosos recebendo aposentadoria havia trabalhadores da ativa cujo pagamento de salários, assim como os de PIS e de FGTS, eram feitos pela CAIXA. Somava-se aí a clientela da Poupança, com o crédito trimestral de rendimentos do 1º ao 5º dia útil.

Por fim, tinha a Compensação de Cheques e o chamado Extra-Caixa. Era a contabilização acontecida como serviço de retaguarda, mas cuja autenticação de débito e crédito tinha que ser feita pelo caixa.

Foi aí que, com as sucessivas quedas do incipiente sistema eletrônico a enervar ainda mais o público e sendo eu — Estevam, e não o Clélio — o ‘caixa dos velhos’, e com a fila já por longo tempo “sem andar”, concomitante com o bater forte de uma bengala ao chão por cliente alto e de braço pesado, ouviu-se o estridente grito dele, o Rafael, que, gago e ‘fala fina’, como pessoa que não lia, confundia nomes e errava ao pronunciar:

— A-có-o-orda, Cléu-berrrr!!!

E desta vez a queixa que soou mais forte, em lugar de ganhar adeptos foi sucedida de risos por grande parte dos integrantes até das outras filas, que perceberam a gafe do ceguinho cujo porte físico avantajado contrastava com o dos dois caixas, que ele nunca sabia qual era qual.

Fica esta espirituosa crônica como homenagem do autor a todos nela citados.